

	CONTINENTE	AÇORES	MADEIRA
ocorrência	MigRep - Res	-	-
categoria	CR	-	-

Taxonomia

Cephalaspidomorphi, Petromyzontiformes, Petromyzontidae.

Tipo de ocorrência

Migradora anádroma (*L. fluviatilis*). Residente (*L. planeri*).

Classificação

CRITICAMENTE EM PERIGO – CR (B1 ab(ii,iii,iv))

Fundamentação: Espécies com uma extensão de ocorrência conjunta extremamente reduzida (inferior a 30 km²). Verifica-se uma elevada fragmentação (presença confirmada em apenas sete bacias hidrográficas) e admite-se um declínio continuado da área de ocupação, da qualidade do habitat e do número de subpopulações.

Distribuição

Estas espécies ocorrem nas bacias hidrográficas do Noroeste da Europa até França, Norte de Espanha, Portugal e Oeste da Itália (Hardisty 1986a,b, Alმაça & Collares-Pereira 1988, Alმაça & Cortes 1991, Doadrio 2001a, Almeida *et al.* 2004).

Em Portugal a sua presença está confirmada nas bacias hidrográficas das Ribeiras entre Douro e Vouga, Vouga, Mondego, Lis, Ribeiras do Oeste, Tejo e Sado (Almeida *et al.* 2004).

População

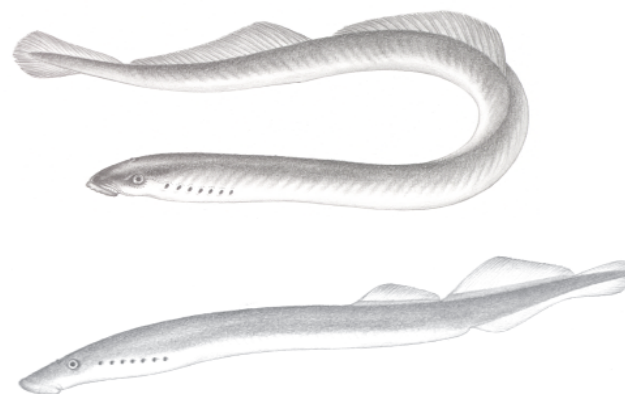
Com base em trabalhos recentes (Almeida *et al.* 2004) calcula-se que a dimensão populacional destas espécies ultrapasse os 10.000 indivíduos. Apresentam uma distribuição muito fragmentada, com núcleos populacionais de dimensão variável.

Não existe informação quanto à actual tendência populacional, mas dada a especificidade em termos de características de habitat, é possível que possa ter existido um acentuado decréscimo demográfico, face à perda de habitat resultante

Lampetra fluviatilis (Linnaeus, 1758)
Lampetra planeri (Bloch, 1784)



Lampreia-de-rio Lampreia-de-riacho



da acentuada degradação ambiental registada nas últimas décadas. É, aliás, com base nesta evidência que se pensa que possa ter ocorrido um declínio continuado no efectivo populacional destas espécies.

Habitat

A lampreia-de-riacho completa todo o seu ciclo de vida nos meios dulciaquícolas em rios permanentes (Hardisty 1986a), embora a sua presença já tenha sido detectada em linhas de água intermitentes que formem pegos no período estival (PR Almeida *com. pess.*). Em contrapartida, o carácter migrador da lampreia-de-rio determina que apenas a fase larvar seja completada em água doce, pelo que os rios principais de maiores dimensões e os estuários servem, essencialmente, como percurso migratório para os adultos durante a migração reprodutora e posteriormente para os juvenis no decurso da migração trófica. O mar corresponde ao habitat eleito como área de crescimento dos juvenis da lampreia-de-rio (Hardisty 1986b).

Factores de Ameaça

Os principais factores de ameaça estão relacionados com a perda de habitat resultante da construção de barragens e açudes, extracção de inertes e poluição aquática (Doadrio, 2001a).



Lampetra fluviatilis (Linnaeus, 1758)
Lampetra planeri (Bloch, 1784)

Lampreia-de-rio
Lampreia-de-riacho

Medidas de Conservação

Estas espécies estão abrangidas pela legislação nacional e internacional de conservação. Vários locais foram designados para a lista nacional de sítios ao abrigo da Directiva Habitats devido à sua presença, entre outros valores, mas carecem ainda de medidas de ordenamento e gestão dirigidas a estas espécies.

Para a sua conservação é preciso efectuar a recuperação dos habitats, nomeadamente através do restabelecimento dos regimes hidrológicos naturais e do controlo da poluição e da extracção de inertes. Nos ambientes dulciaquícolas a implementação de planos de ordenamento, designadamente os Planos de Bacia Hidrográfica e das medidas preconizadas na Directiva-Quadro da Água deverão atingir a melhoria permanente da qualidade dos habitats aquáticos e assim favorecer as condições para estas espécies. Paralelamente devem ser realizados estudos científicos no domínio da dinâmica populacional, biologia e ecologia, estado do habitat e ameaças. Por último, é necessário avaliar o sucesso de algumas propostas de intervenção ao nível do habitat, designadamente das acções de reabilitação dos cursos de água e implementar um plano de monitorização que avalie periodicamente a tendência demográfica das populações nacionais.

Notas

Segundo vários autores (Zanandrea 1959, Hubbs & Potter 1971, Hardisty 1986a, Youson & Sower 2001), *L. planeri* terá evoluído de *L. fluviatilis*, constituindo uma espécie satélite desta. Nem todos os autores, contudo, aceitam que sejam espécies distintas e consideram que constituem formas de uma única espécie que optam por estratégias de vida distintas de acordo com as características do habitat que encontram durante o seu estado larvar (Eneqvist 1937). Estudos genéticos revelaram ausência ou baixa diferenciação genética entre as duas formas (Tagliavini *et al.* 1984, Schreiber & Engelhorn 1998, Docker *et al.* 1999). Estes resultados foram considerados por alguns autores (Schreiber & Engelhorn 1998) como evidência que ambas as formas partilham o mesmo fundo genético e que, portanto, devem ser consideradas uma identidade específica única, enquanto outros (Docker *et*

al. 1999, Salewsky 2003) argumentam que os resultados sugerem uma divergência muito recente.

Um estudo genético das populações portuguesas, baseado na análise de sequências de genes do ADN mitocondrial, revelou uma elevada estruturação geográfica, verificando-se que indivíduos capturados na mesma bacia hidrográfica eram geneticamente mais próximos do que indivíduos capturados em bacias distintas, independentemente do seu estatuto específico (Almeida *et al.* 2004). Estes dados parecem corroborar a hipótese da existência de uma única espécie, mas não excluem a hipótese alternativa de evolução paralela em diferentes bacias, com perda repetida da diadromia, constituindo *L. planeri* um taxon parafilético. Por outro lado, a maioria dos dados de campo que suportaram a avaliação do estatuto de conservação de *L. fluviatilis* e *L. planeri* em Portugal referem-se a amocetes, fase na qual é muito difícil a identificação a nível específico, não tendo sido possível determinar em algumas bacias hidrográficas qual a espécie presente. Assim, pelas várias razões atrás expostas, optou-se por avaliar os dois taxa em conjunto.

Outra bibliografia consultada

Huggins & Thompson (1970); Hardisty & Potter (1971a); Bird & Potter (1979); Maitland (1980); Malmqvist (1980); Kelly & King (2001); Espanhol (2003).